

“Dessa barranca do rio, ninguém me tira”: Costumes, estratégias e resistências da população “maloqueira” de Porto Alegre (décadas de 50 a 70)

Vinícius Reis Furini

Graduando de História da UFRGS

Bolsista de Iniciação Científica FEE/FAPERGS

Orientadores: Dr. Álvaro Antonio Klafke

Analista pesquisador em História da FEE

Dr. Rodrigo de Azevedo Weimer

Analista pesquisador em História da FEE

Introdução

No século XX, intensificou-se a marginalização da população pobre e o desenvolvimento das “vilas de malocas” em Porto Alegre, simultaneamente às remoções do perímetro central para as periferias. Serão analisadas as “vilas” Doca das Frutas, Mato Sampaio e Trevo para verificar como noções de direito dos moradores ligaram-se a concepções morais.

Fontes e metodologia

Durante a pesquisa documental, foram selecionados e fotografados: o levantamento de Moraes (2011), realizado a partir do DEMHAB, que contém discursos parlamentares extraídos das atas da Câmara de Vereadores e reportagens de jornais, relacionadas às “vilas de maloca”; entrevistas de história oral recolhidas do projeto “Memória dos Bairros”, organizado pela Prefeitura Municipal. Ambas as fontes foram consultadas nos acervos do Arquivo Histórico de Porto Alegre. Também foram fotografados os jornais Correio do Povo e Diário de Notícias (recorte quinzenal), no Museu Hipólito José da Costa, cujos textos selecionados foram lidos, organizados e analisados conforme a interpretação crítica de seu conteúdo.

Parâmetros teóricos

No diálogo entre a história social e a micro-história, procuro me aproximar de uma perspectiva histórica da intervenção ativa destes sujeitos sociais nos processos a que foram submetidos (Thompson, 1981). Apresento algumas estratégias que adotaram frente às incertezas diante do futuro (Levi, 2000), no seu caso, à iminência de despejos. Dessa forma, discuto como estes sujeitos agiam em defesa de seus direitos e costumes, quais eram as suas percepções do processo, noções morais de justiça e resistências (Thompson, 1998).

Resultados e considerações finais

Diante das remoções, os moradores apresentaram noções de direito regularmente interligadas a concepções morais de pertencimento territorial. Justificaram sua permanência nas “vilas” por conta da utilização de seus recursos naturais para a atividade profissional (lavadeiras, comércio de frutas, etc.) e pela antiguidade de sua presença. Em defesa da relação com o território, estes sujeitos sociais assumiram uma postura ativa diante das remoções. Suas reivindicações de permanência devem ser compreendidas como estratégias e resistências amparadas em noções morais próprias.

Referências bibliográficas

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MORAES, Aldovan de Oliveira. *Poder público municipal e habitação de interesse social em Porto Alegre*. Porto Alegre, DEMHAB, 2011, 2 volumes. Arquivo Histórico de Porto Alegre.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.